

A N Á L I S E

"A morte não manda aviso".

A morte existe.

O que existe tem vida.

A morte é vida.

No meu entêrro quero ir
de blusão e jaqueta Lee.
E quero ouvir a bandinha tocando,
e todo mundo por sôbre as covas, amando.
E a canção pode ser qualquer
contanto que quem cante seja mulher.

Meu Pequeno Passarinho Branco
que concebí e não parí,
pois que, nêste mundo, não lhe há lugar.
E êle não pode existir.

No meu velório quero ver
tôda a gente a cantar, a sorrir e a dizer:
"Êle é mau, é sacana e não presta",
E nos goles de cachaça, dar seguimento à festa.
E tudo muito bem irá
até a hora em que ressucitar.

"Bem aventurados os que temem".
Todos os homens temem.
Sou homem e, como tal, temo.
Sou um Bem Aventurado.

O caixão terá a forma de um maço
dos de Minister (pequeno) e, todo de aço.
Assim terei o que fazer
e meu corpo não vai se perder.
E o buraco, na terra, deve ser bem profundo
para que me sinta dentro do mundo.

— "Querida, onde estão minhas cuecas?"

— " De baixo do tapêete, meu amor."

As coisas mais importantes
encontram-se sempre em locais estranhos.

Que me permitam os que irão pagar a despesa,
mas gostaria de ter, cadeira e mesa,
um chuveiro, uma latrina e uma pia,
dentro de minha nova moradia.

Em algum tempo me sentirei faminto e sujo
e, depois também, onde irei despejar o mijo?

Os convidados vão discutir a morte
e conferenciar sôbre a vida.

Mas eu, que já morto, saberei de tudo:
a morte é vida.

03/05/71